

Propércio, *Elegias*, Coordenação de Aires A. Nascimento, Tradução portuguesa de Aires A. Nascimento (livro I), Maria Cristina Pimentel (livro II), Paulo F. Alberto (livro III) e J. A. Segurado e Campos (livro IV), Texto latino e Introdução de Paolo Fedeli, Lisboa, Accademia Properziana del Subasio (Assis) — Centro de Estudos Clássicos (Lisboa), 2002, 475 pp.

É com enorme satisfação que recebemos, no âmbito dos estudos clássicos em Portugal, a primeira tradução completa para o português da obra de um autor emblemático na poesia amorosa latina. Graças à iniciativa da Accademia Properziana del Subasio e à disponibilidade e trabalho dos tradutores, o elegíaco de Assis vê traduzidos os seus poemas à única língua europeia que ainda não contava com uma versão íntegra da sua obra. Só isto já justificaria que brindássemos os mais sinceros parabéns e tecêssemos os mais profundos elogios para os autores. Estes, porém, longe de oferecer uma versão nua da sua versão, vestem-na com a interessante roupagem da explicação poética e erudita, sob a forma de um comentário geral a cada poema e variadas notas explicativas. É também de agradecer a publicação em formato bilingue, utilizando o texto latino da edição do Prof. Fedeli, ainda que sem aparato crítico.

Como o próprio coordenador nos explica na nota prévia (pp.9-10), o acordo a que o centro de Estudos Clássicos chegou com a Accademia Properziana contemplava uns limites inadiáveis para a conclusão do trabalho, e este constrangimento foi responsável da decisão do esquema de trabalho colectivo. Talvez seja precisamente a falta de unidade o principal senão que se pode levantar contra a tradução, que de resto é fiel e correcta. Com efeito, nota-se demais as variadas mãos que intervieram no processo de elaboração. Assim, o quarto livro apresenta a que nos atreveríamos a catalogar como a tradução mais elegante das quatro. Tomarei apenas como exemplo os seis primeiros versos do primeiro poema, que deixam bem claro que o tradutor não se sente atado pela formulação do poeta latino, e consegue recuperar a beleza do original com procedimentos equivalentes da língua portuguesa, incluindo soluções para a endíade latina: *Hoc quodcumque uides, hospes, qua maxima Roma est,/ ante Phrygem Aenean collis et herba fuit;/ atque ubi Nauali stant sascra Palatia Phoebo,/ Euandri profugae concubere boues. / Fictilibus creuere deis haec aurea templa,/ nec fuit opprobrio facta sine arte casa;* “Tudo quanto vês, estrangeiro, aqui onde se ergue a grande Roma,/ antes do frígio Eneias era colina coberta de ervas;/ e onde está o palácio sagrado de Febo, protector dos navios,/ deitavam-se outrora as manadas do exilado Evandro./ Estes templos dourados ergueram-se para deuses de barro, e ninguém se envergonhava da sua tosca cabana;”. Menos liberdades se tomam os autores das traduções do segundo e terceiro livro. E a mais fiel e rigorosa, no meu entender, é a do primeiro livro, embora o respeito pelo texto latino faça com que, às vezes, o leitor pouco habituado ao estilo de Propércio tenha dificuldades em perceber o sentido, como na tradução dos versos 19-20 do primeiro poema: *At uos, deductae quibus est fallacia*

lunae/ et labor in magicis sacra piare focis, ‘Quanto a vós, para quem persiste o engano de uma Lua ao seu serviço/ e a tarefa de fazer crepitar os altares em chamas de magia.’

Estas diferenças de estilo de tradução são inevitáveis numa obra de conjunto que contempla uma divisão do trabalho por livros. Mas temos de dizer, em honra da verdade, que as divergências são menos notórias que noutras publicações do mesmo teor, o que revela quer um trabalho posterior de homogeneização quer uns hábitos adquiridos pelos largos anos de colaboração entre si. Regra geral, as escolhas lexicais (e até de pontuação) dos autores em determinadas passagens complexas revelam um estudo prévio que escapa ao leitor não especializado. Assim, quando o começo do segundo livro é traduzido da seguinte maneira: *Quaeritis unde mihi totiens scribantur amores,/ unde meus ueniat mollis in ora liber*. ‘Perguntais-me porque escrevo tantas vezes poemas de amor,/ por que razão o meu livro soa, suave, nos lábios’, o adjectivo entre vírgulas indica que a tradutora, numa expressão de interpretação dúbia, considera que a pergunta é *unde ueniat liber in ora* mais do que *unde ueniat liber mollis*, coisa que não é evidente num primeiro olhar pelas conotações de *mollis* ligada ao género elegíaco. De igual maneira, por exemplo, quando o tradutor escolhe verter a expressão *uacuuus Amor* (1.1.34) por ‘Amor inactivo’ faz uma escolha deliberada que deixa de lado interpretações igualmente válidas como “Amor insatisfeito”. Seguramente as duas significações estão presentes no adjectivo de Propércio, autor tão dado à condensação significativa, mas o tradutor deve escolher aquele que achar mais relevante. Em conjunto, pois, a tradução é bastante boa e permite acompanhar o texto latino, coisa facilitada ainda pela disposição, em que cada verso latino é vertido numa linha na tradução portuguesa, arranjada à maneira de versos, embora o não sejam.

As notas explicativas e os comentários aos poemas são muito elucidativos e actualizados, se bem que não tão numerosos como exige um autor da complexidade de Propércio. A razão é o próprio carácter da edição, não pensada para uma edição volumosa. Isto também obriga a uma magra introdução e à ausência de uma bibliografia orientadora actualizada. Os apaixonados pela elegia latina teríamos ainda mais motivos para nos congratularmos se tivessem sido acrescentadas estas secções, mas considero que devemos agradecer a rápida publicação, dado que completar a obra de maneira erudita com estes aspectos teria suposto um atraso considerável que suporia mais prejuízo do que vantagens.

Saudemos, pois, a vinda à luz duma tradução de qualidade que fazia muita falta e esperemos que, com este exemplo, venham a ser publicadas outras versões de elegíacos latinos.

CARLOS DE MIGUEL MORA